

# UMA OFICINA MONETÁRIA DO SÉCULO XVI

POR JOAQUIM FRONTEIRA

A bela cidade que o Danúbio atravessa de fugida — a Wien dos Imperadores, de Metternich, do Congresso de 1814-1815 e das imorredouras valsas — tem sempre, para nós, um particular atractivo: os seus Museus.

Opulentos, não só pelo recheio como pelas suas monumentais instalações construídas, quase todas, com ricos mármore austríacos e italianos, a lembrança da sua visita perdurará por longo tempo na memória do turista culto que lhes dedique uns quantos dias que não serão, precisamente, de físico repouso. Foi em um desses Museus, no «Kunsthistorisches Museum», que na sala I do «Gabinete Numismático» encontramos uma reprodução ampliada e emoldurada, da xilogravura que ilustra este artigo e cujo original pertence à «Österreichische National-Bibliothek», de Wien.

Trata-se de uma gravura a preto, medindo no original 21,8x19,5 cm., representando o interior de uma oficina monetária do século XVI, conforme consta da respectiva legenda, que se transcreve a seguir:

MÜNZERWERKSTATTE des 16. Jahrhunderts  
Aus dem «Weisskünig»

Pela natural similitude que deveria haver então nos processos de cunhagem a martelo na Europa Central e nos restantes países do Velho Continente, afigura-se-nos interessante apresentar a descrição pormenorizada dessa gravura, em especial recordando o que, a tal respeito, nos diz o Dr. Teixeira de Aragão:

«Até 1561 o cunho da moeda era impresso a martello, e n'esse anno foi que João Gonçalves, o *engenhoso*, empregou a máquina de sua invenção. Os resultados parece não haverem correspondido ao que se esperava, e teve de se voltar ao antigo systema do martello». Em 1649 fez-se nova tentativa

com «o engenho trazido de França por António Routier para a cunhagem da moeda», mas não logrou melhor resultado do que a primeira. Em 1678 o 3.º conde da Ericeira, D. Luís de Meneses, voltou a substituir a martelagem pela nova máquina de cunhar, passando também a ser serrilhadas as moedas de ouro e prata a fim de evitar o seu cerceio.

A legenda transcrita informa-nos de que a gravura é reproduzida do «Weisskünig». Para ilucidação do leitor a respeito desta obra, a seguir traduz-se a notícia que dela consta na enciclopédia alemã «Grosser Brockhaus»:

«Weisskünig», o Rei Branco — quer dizer, o rei vestido de branco — é a antítese pouco valiosa do «Teuerdank». Escrita em prosa, meia crónica, meia romance, narra em três partes, o casamento e a coroação do imperador Frederico III, a educação e o reinado de Maximiliano I até à conclusão da guerra com os venezianos, em completa conformidade com a História, mas ocultando com alegorias todos os verdadeiros nomes.

Também esta obra foi concebida por Maximiliano (até 1512), mas mais tarde, em 1514, mandou-a executar e concluir pelo seu secretário-particular Marx Treizsaurwein von Erentreiz, falecido em 6 de Setembro de 1527.

Todavia só em 1775 o «Weisskünig» foi impresso (em dois volumes), com gravuras em madeira por Hans Burkmair, cujas chapas originaes se tinham conservado em Graz.

Informados de que não havia à venda no Museu qualquer reprodução da gravura em causa, chegados a Lisboa escrevemos ao Director da Biblioteca Nacional Austriaca, de Wien, pedindo que nos fosse enviada uma cópia dela, bem como autorização para a sua publicação em a «NVMMS». Passado algum tempo recebemos uma reprodução fotográfica da gravura e, depois, a solicitada autorização dada pelo Dr. Franz Unterkircher, Director das Colecções de Manuscritos da referida Biblioteca, a quem apresentamos, por esse motivo, os nossos agradecimentos.

Passamos agora à descrição da gravura, na convicção de que não haja sido publicada ainda em Portugal.

Na pequena quadra que ela representa encontram-se reunidas as várias operações que constituem o fabrico da moeda batida a martelo e que se inicia e termina pela pesagem efectuada pelo personagem sentado de costas para a janela, envidraçada com típicos «fundos de garrafa», como nos recordamos de ver no «Frilandsmuseet», perto de Copenhague, e no «Skansen», de Stockholm. Esse personagem dá entrada ao metal destinado a amodação, procedendo ao respectivo registo no livro que se encontra aberto sobre a mesa, e dá depois saída à moeda batida, cuja estiva verifica em face do metal empregado, fazendo também o devido lançamento. Uma destas opera-

ções estará, acaso, decorrendo e será objecto da conversa com o seu interlocutor, de pé, junto da mesa e entre esta e o arco da entrada, à direita.



Em frente abre-se a bocarra do forno, aceso, cujas labaredas estão derretendo o metal contido em três cadinhos de secção subtriangular, enquanto um quarto repousa na soleira, sob a qual se vêem as duas «fornaças» — termo

dado, por extensividade, também à própria oficina, segundo Santa Rosa de Viterbo, do que discorda João Pedro Ribeiro que considera «fornaça» sinónimo de «fornada». Ladeiam a abertura do forno, suspensas de polés, um par de tenazes e a balança para as pesagens.

Seguindo o curso do fabrico está a figura central desferindo pancadas com um martelo sobre uma chapa de metal, apoiada numa grande bigorna cravada em um enorme cepo, ao lado de uma pequena flauta. Fica-se em dúvida se este artífice será também o encarregado de proceder ao corte dos «flans», conquanto, na verdade, não se veja algum vasador ou ferro adrede destinado. O que é facto é que o outro moedeiro, sentado em um mocho, de costas para o centro da quadra, está procedendo à cunhagem a martelo, com um cunho móvel (torquel) e outro fixo (contra-cunho), dos «flans» que lhe são passados pelo aprendiz, sentado em frente, que os tira de um recipiente colocado sobre os joelhos.

As moedas, depois de batidas, são lançadas para dentro do vaso com duas asas que se vê no chão. Dali seguem para cima da mesa à esquerda, onde o último artífice, munido de uma comprida tesoura, procede à operação de aparar o excedente da cunhagem deixado por este primitivo sistema de amoedação. Assim regularizado o seu contorno, as moedas são deitadas no prato à esquerda do operador e, depois da pesagem, guardadas no pequeno cofre chapeado, que se vê no primeiro plano da gravura.

NOTA — Já depois de escrito este artigo, por amável indicação do nosso amigo e confrade sr. major Ismael Joaquim Spínola, tivemos conhecimento de que no «*Curso de Numismática*», de António Beltrán Martínez, (Cartagena, 1950), a pág. 60, se encontrava a grav. n.º 68 com a legenda «Grabado frances representando todas las operaciones de una ceca en tiempo de Luiz XII (acuñacion a martillo)», (De Blanchet, Man. de Núm. Franc).

A gravura não é a que ora apresentamos, embora com ela tenha flagrante semelhança, faltando-lhe, contudo alguns pormenores que se encontram nesta, que é bastante mais cuidada.

Recordando que Luís XII (d'Orleans) reinou em França de 1498 a 1515, o facto confirma a hipótese que pusemos, de início, da semelhança do sistema de cunhagem a martelo, no século XVI, nos diversos países da Europa.

Ao nosso obsequioso informador apresentamos os devidos agradecimentos pela sua oportuna indicação.